



Mistagogia: um diálogo fecundo entre mística e pedagogia

Mistagogy: a fruitful dialogue between mystique and pedagogy

Rosemary Fernandes da Costa

Doutora em Teologia Sistemático-pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), professora do Departamento de Teologia/Setor de Cultura Religiosa da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), assessora nas áreas de Teologia, Pastoral e Liturgia da Rede Celebra, Rio de Janeiro, RJ - Brasil, e-mail: rosenandescosta@gmail.com

Resumo

As ações evangelizadoras em suas experiências de iniciação, formação e orientação vem sendo matéria-prima de estudos, reflexão e avaliação. Mais do que buscar novas metodologias que dialoguem com o nosso tempo, a mistagogia nos fala de uma fundamentação antropológica e teológica que resgata sua essência e aponta caminhos pastorais. A experiência mistagógica vivida nos séculos III e IV, especialmente com Cirilo de Jerusalém, torna-se fontal e orientadora de categorias que dialogam com as comunidades contemporâneas. A crise da fé nos reclama um novo caminho místico, uma espiritualidade integradora. Pedem-nos urgência de uma revisão profunda dos processos de orientação religiosa, da vitalidade das comunidades e do modo concreto de viver a relação religião-mundo e fé-cultura. A partir do processo de elaboração entre a teologia sistemática e o resgate dessa experiência fontal, apresentamos algumas contribuições que podem se tornar mais do que memória viva para nosso presente, mas sementes fecundas nos processos de evangelização atuais.

Palavras-chave: Mistagogia. Cirilo de Jerusalém. Pedagogia da fé. Evangelização. Iniciação religiosa.

Abstract

The evangelizing actions in their initiation, formation and guidance experiences have been raw material of study, reflection and evaluation. Beyond searching for new methodologies that establish a dialogue with our time, the mystagogy speaks of an anthropological and theological basis to rescue its essence and point out pastoral paths. The mystagogical experience in the third and fourth centuries, especially with Cyril of Jerusalem, becomes a source and guidance of categories that establish a dialogue with contemporary communities. The crisis of faith reclaim a new mystical path, an integrative spirituality. It requests from us urgency of a thorough review of religious orientation processes, of the communities vitality and of the concrete mode of living the religion-world and faith-culture relationships. From this process of drafting between systematic theology and the rescue of this source experience, we present some contributions that may become more than alive memory for our present, but fruitful seeds in the process of current evangelization.

Keywords: *Mistagogy. Cyril of Jerusalem. Pedagogy of faith. Evangelization. Religious initiation.*

Introdução

O tema da evangelização nos convida a análise das mediações presentes nos seus mais diversos processos, sejam de cunho pastoral ou pedagógico. Os grupos que atuam nas pastorais, na iniciação e na educação religiosa estão constantemente avaliando e revendo seus projetos e seu dinamismo interno. Essas análises nos remetem aos fundamentos teológicos, e será a partir desse encontro entre os fundamentos da evangelização e as mediações pastorais-pedagógicas que poderemos rever nossos projetos em busca de ações evangelizadores que integrem a dinâmica entre fé-pessoa-comunidade.

Nesse processo de discernimento e busca de fundamentos, uma temática vem tomando cena e convocando os pesquisadores da área: a mistagogia. É um tema precioso, que vai às fontes da experiência cristã, e nos conduz à Teologia desenvolvida pelos Santos Padres. Uma teologia que

envia à liturgia, à pedagogia divina, à dinâmica da revelação, à fé como experiência pessoal e comunitária, à Igreja como sacramento de Jesus Cristo no mundo.

Perguntamo-nos, então, como se desenvolveu o processo de evangelização na caminhada inicial da Igreja. Será que a experiência da Igreja dos primeiros séculos seria ainda orientadora para as práticas de evangelização atuais? Nos processos de iniciação cristã, os Padres da Igreja estavam atentos à dinâmica da Revelação? Haveria uma mística ou uma pedagogia própria embasando e estruturando os processos de iniciação?

Compreendemos que, seja qual for o campo de atuação pastoral, deve haver uma pedagogia própria que perpassa a ação evangelizadora. Uma pedagogia que se dá a partir de um diálogo que Deus vai tecendo amorosamente com cada pessoa e com cada comunidade e que se torna um “eco” dessa autocomunicação divina, uma mediação entre a ação divina e a realidade pessoal, histórica e social (SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 1997, n. 144).

A fim de contribuir nessa direção, voltaremos nosso olhar para o resgate desse eixo referencial dos Santos Padres e observaremos sua relevância para nosso tempo. Poderíamos refletir sobre a mistagogia que embasava a iniciação religiosa nos primeiros séculos por meio de algumas fortes referências patrísticas, como Gregório de Nazianzo, Cirilo de Jerusalém e Ambrósio de Milão. Dentre estas escolhemos a experiência de Cirilo de Jerusalém por percebermos, em suas homilias, uma Teologia subjacente embasando seu jeito especial de conduzir os processos de iniciação: a mistagogia. Será a essa experiência em particular que nos dedicaremos neste pequeno trabalho, procurando estabelecer um diálogo entre aquela teologia e a prática pedagógico-pastoral como contribuição para nossa revisão dos processos catequético-pastorais.

Mistagogia como fundamento teológico e caminho pedagógico-pastoral

No cristianismo primitivo, chegar a ser cristão não era entendido como o resultado de um acontecimento repentinamente transformador da pessoa, como uma reação automática ao anúncio evangélico e à formação

catecumenal. Ao contrário, o acolhimento da fé cristã era percebido como fruto de um processo lento, gradual, marcado pelo dinamismo da experiência de Deus na vida pessoal e comunitária, chamado de iniciação cristã. Dentro dessa compreensão, o princípio fundante e dinamizador do caminho é o próprio Deus, que se revela na história a cada homem e mulher, em seu tempo e lugar.

Iniciemos observando a etimologia do termo mistagogia. Ele tem sua origem em dois vocábulos gregos: *mystes*, que significa “mistério”, e *agein*, que significa “conduzir”. Mistagogia vai adquirir o sentido de “conduzir através do mistério”, “iniciar ao conhecimento do mistério”. Esse novo termo, construído na conjugação desses dois vocábulos, carrega em si um sentido profundo: o enraizamento no conceito de mistério e a ação mediadora, de aproximação desse mesmo mistério (FEDERICI, 1985, p. 181).

A espiritualidade, a liturgia e a pedagogia foram dimensões integradas nesse caminho, especialmente nos séculos III e IV. Segundo E. Mazza, a mistagogia foi conhecida na tradição como a explicação teológica do fato sacramental ou dos ritos que compõem a celebração litúrgica; contudo, é muito mais do que um gênero literário ou uma metodologia pastoral-litúrgica (MAZZA, 1988, p. 6-7). A mistagogia é a Teologia dos primeiros tempos, mas é também pedagogia. É Teologia porque, no horizonte sapiencial dos Padres da Igreja, fundamenta suas reflexões e sua compreensão de Iniciação. É pedagogia porque em decorrência dessa compreensão são definidos os passos e procedimentos nessa trajetória.

Na sabedoria dos Padres da Igreja, a mistagogia é a vida da comunidade eclesial, em sua dimensão espiritual, litúrgica, pastoral, contemplativa e escatológica. Essa sabedoria é expressa nas obras patrísticas, revelando os vários aspectos que envolvem sua compreensão de mistagogia:

- é fonte de abertura à dinâmica da Revelação;
- é caminho, percurso, trajetória de adesão, crescimento, aperfeiçoamento;
- é participação nos ritos e celebrações litúrgicas;
- é a Palavra acolhida e que revoluciona a dinâmica pessoal e comunitária;

- é contemplação orante do Mistério que se revela na história da humanidade;
- é a penetração progressiva até o encontro definitivo com o Mistério de Deus;
- é a Igreja sacramental e caminhante no mesmo processo mistagógico¹.

A mistagogia nos Padres dos séculos III e IV é tudo isso, mas é ainda mais, porque não é um conceito que se esgota nas categorias teológicas. O grande liturgista A. Triacca leva em consideração que a mistagogia dos Padres da Igreja deve ser devidamente fundamentada na dinâmica da Revelação e na caminhada da Igreja. Não consistia em uma experiência sentimental, piedosa ou vagamente subjetiva. Por outro lado, também não se tratava de um encontro “face a face” com o mistério divino, mas, sim, de uma experiência inaugural, de um plano no qual se adentra até o encontro definitivo (TRIACCA, 1993).

Sublinhamos, portanto, as duas mãos na dinâmica da revelação — Deus e a pessoa humana — e, nessa perspectiva, podemos perceber o caráter ativo e criativo desse processo nos contextos pessoais, comunitários, sociais, históricos e escatológicos. Atuando como fermento nessa dinâmica, a mistagogia é um fundamento e uma experiência na qual se entra e se caminha até o encontro definitivo de toda a Criação em Deus.

Na teologia contemporânea, K. Rahner resgata a pedagogia do Mistério e nos fala na presença da mistagogia na evangelização, como uma dinâmica na qual o anúncio da fé cristã dialoga com as condições e com as questões que a pessoa humana traz em si. Essa dinâmica não se limita às exposições doutrinárias, mas dialoga com a busca da verdade experimentada na vida e na comunidade eclesial. Para K. Rahner, se a evangelização se detiver na dimensão doutrinária estará errando gravemente, estará indo contra sua própria essência, pois a mistagogia é “apelo irrompido do mais íntimo âmago da pessoa humana agraciada” (RAHNER, 1978, p. 48).

K. Rahner está em consonância com a experiência da Igreja primitiva ao afirmar que a mistagogia deve estar presente em todo o processo

¹ T. Federici (1985) apresenta um esquema global detalhado do conteúdo mistagógico nos Padres da Igreja.

de evangelização. É a mistagogia que orienta para que essa tarefa não se detenha na doutrinação, no ensino, numa concepção errônea, como se o anúncio viesse de fora para dentro, do pregador para o ouvinte. A perspectiva mistagógica considera que o anúncio feito pelo pregador levanta questões que o iniciante já traz em seu íntimo (RAHNER, 1978, p. 48).

Assim sendo, a mistagogia revela-nos a verdadeira compreensão da ação evangelizadora, como mediadora da dinâmica salvífica, ciente de seus limites e em permanente diálogo com Deus, pela meditação, pela oração, pela celebração comunitária, pela proclamação e hermenêutica da Sagrada Escritura. Nesse curso, iniciante e comunidade devem caminhar lado a lado, pois é a comunidade que assume a responsabilidade de ser mediadora da iniciativa gratuita e amorosa de Deus, no acolhimento do iniciante e durante sua formação e acompanhamento.

Enfim, compreendida como caminho mistagógico, a iniciação tem seu princípio ativo na própria iniciativa divina e na abertura livre da pessoa que se converte ao Deus vivo e verdadeiro, pela graça do Espírito, e se torna participante da comunidade de fé. É uma realidade dinâmica, que implica pessoa e comunidade. É caminho que conduz a uma nova configuração de cada pessoa em Jesus Cristo, em comunhão com os ensinamentos recebidos, com a vida da comunidade eclesial e como testemunho vivo da fé que professa.

O eixo mistagógico em Cirilo de Jerusalém

O século de ouro da patrística é o período compreendido entre os concílios de Niceia e Calcedônia (325-451). Esse período foi marcado pelas grandes reflexões teológicas provenientes das controvérsias sobre o tema da dogmática, da ontologia de Deus e a origem, natureza e relação trinitária². Não é propriamente um momento histórico tranquilo para o ma-

² O Concílio de Niceia fixou em seu Credo a identidade de natureza (homoousía) do Filho com o Pai: o Filho é homoousíus com o Pai, "da mesma natureza" que o Pai, consubstancial ao Pai. O I Concílio de Constantinopla (381), na linha de continuidade de Niceia, desenvolve o Credo, especialmente com referência ao Espírito Santo, à Igreja, ao Batismo, à ressurreição dos mortos e à vida eterna. Pela continuidade e relação entre esses dois Concílios, o Credo aprovado em Constantinopla foi chamado de niceno-constantinopolitano e, desde então, é assumido por toda a Igreja (ELORRIAGA, 1991, p. 27-28; PADOVESE, 1999, p. 70-71).

gistério eclesial, que se depara com grandes questões dogmáticas, determinantes para a identidade cristã. Por outro lado, essa dinâmica histórica vai configurando a própria identidade e missão pastoral da Igreja. No influxo dessas mudanças surge também a necessidade da formação cristã e, como consequência, a preocupação dos Padres da Igreja não apenas com a identidade e a defesa da fé, mas também com o processo catecumenal, com a acolhida e a introdução de novos membros.

Os Padres da Igreja constroem, pouco a pouco, uma iniciação teológica, uma aproximação dos iniciantes do quadro formativo no qual encontramos duas fortes características: catequese e liturgia caminham juntas, e a experiência pessoal e o testemunho comunitário se tornam fonte de comunhão e conversão.

É nesse quadro histórico e teológico que Cirilo de Jerusalém se inclui. Ao lado de outros Padres, Cirilo é um presbítero atento ao seu tempo e à sua comunidade. Contudo, não nos deteremos nos muitos aspectos históricos que marcam o contexto no qual Cirilo desenvolve seu trabalho como presbítero e como bispo de Jerusalém³. Direcionar-nos-emos, portanto, para o foco deste trabalho, ou seja, para a fundamentação teológica que embasa seu percurso pastoral.

Cirilo de Jerusalém, em unidade com os seus contemporâneos, considerava a mistagogia como um tempo litúrgico determinante para o conhecimento e para a adesão à fé e privilegiava o trabalho de iniciação à vida cristã (DRIJVERS, 2004, p. 92; YARNOLD, 1971, p. IX).

Em suas homilias, o termo mistagogia emerge nas *Catequeses Pré-Batismais* e nas *Catequeses Mistagógicas*⁴, indicando tanto a celebração dos sacramentos como as instruções que se seguem. Cirilo utiliza o termo mistagogia também em algumas tipologias, designando uma ação de sal-

³ Para aprofundar os estudos sobre o contexto no qual Cirilo de Jerusalém desenvolve sua ação pastoral, conferir as excelentes edições críticas: CROSS, 1951; CIRILO DE JERUSALÉN, 1991a; CIRILO DE JERUSALÉN, 1991b; CIRILO DE JERUSALÉN, 2006; TELFER, 1955; CYRILLE DE JÉRUSALÉM, 1966; CIRILO DE JERUSALEM, 2004; CIRILLO DI GERUSALEMME; GIOVANNI DI GERUSALEMME, 1994; CIRILLO DI GERUSALEMME 1942; CIRILLO DI GERUSALEMME, 1966; CIRILLO DI GERUSALEME, 1997.

⁴ As dezoito *Catequeses Pré-Batismais* e as cinco *Catequeses Mistagógicas* são a obra catequética atribuída a Cirilo de Jerusalém. O primeiro grupo de *Catequeses* é dirigido aos catecúmenos que participarão do Sacramento do Batismo e o segundo grupo, as *Mistagógicas*, é dirigido aos recém-batizados.

vação, proveniente de alguém que acolhe o mistério de Deus e se torna mediador desse mistério.

Nossa metodologia será estabelecermos um diálogo com Cirilo de Jerusalém a partir de suas homilias catequéticas. Procuraremos nos deixar conduzir por Cirilo em sintonia com o tempo e o contexto no qual acontecem as *Catequeses*, tanto no sentido sociocultural, como no sentido catecumenal e litúrgico.

Por meio das palavras que chegaram até nós nas *Catequeses*, especialmente nas *Catequeses Mistagógicas*, trazemos a teologia que se encontra subjacente e sua metodologia, como fios integrados de um mesmo tecido. Vejamos o caminho pastoral de Cirilo e seu diálogo com seu tempo. Ouçamos a voz que ressoa de suas *Catequeses* e nos convida a colocar em prática os ensinamentos recebidos. No decorrer da nossa leitura, procuramos nos aproximar do jeito de ser e agir desse pastor da Igreja, estabelecendo um vínculo, uma familiaridade com suas homilias catequéticas⁵. A partir daí recolhemos os fundamentos teológicos e o eixo mistagógico presente nas *Catequeses Mistagógicas* e os sistematizamos em categorias recolhidas dessa fonte patrística.

Essas categorias serão apresentadas como referenciais para nossa interpretação e como critérios abalizadores para experiências contemporâneas. Elencamos a seguir as categorias teológicas identificadas nas *Catequeses* de Cirilo:

- 1) A adequação da linguagem
- 2) A concepção de Liturgia
- 3) A ênfase na participação
- 4) A compreensão de Revelação
- 5) A estrutura narrativa da Sagrada Escritura
- 6) O Símbolo da Fé
- 7) O seguimento e a conversão existencial

⁵ Procuramos seguir as orientações quanto aos estudos patrísticos a partir dos especialistas. Cf. PADOVESE, 1999, p. 39-40. Esta leitura das obras patrísticas é orientada por A. Grillmeier (1997).

- 8) O embasamento na Tradição
- 9) A perspectiva missionária
- 10) A dimensão contemplativa

Reconhecemos que a reflexão teológica e a prática pastoral do tempo de Cirilo de Jerusalém não podem ser simplesmente transpostas para as comunidades atuais. Tenhamos, portanto, a clareza de que estamos diante de uma experiência fontal e será a partir dela que recolheremos esses princípios orientadores para a experiência de iniciação atual.

A adequação da linguagem

Um primeiro traço marcante em nosso autor é a simplicidade e habilidade na linguagem. Cirilo é conhecido por sua capacidade como orador, simples sem ser superficial, desenvolvendo uma catequese rica em exemplos, em aconselhamentos práticos, existenciais.

Sua linguagem se adequa a cada grupo cultural, sintonizando-se com as experiências de vida, com questões próprias do meio ambiente cultural e social e com dúvidas que pairam no período de formação na fé (CROSS, 1951, introdução, p. 11; HAMMAN, 1968, p. 212; RIGGI, 1997, p. 8).

Cirilo demonstra grande habilidade pastoral desde a própria linguagem, entremeando os textos bíblicos com a compreensão da liturgia vivenciada, aplicando os ensinamentos na vida cotidiana. Por exemplo, na primeira Catequese Mistagógica: “Esperei a ocasião presente, para encontrar-vos, depois desta grande noite, mais preparados para compreender o que se vos fala e levar-vos pelas mãos ao prado luminoso e fragrante deste paraíso” (CM I, 1)⁶.

Mas não será por acaso que Cirilo faz uso dessa metodologia na linguagem catequética. As palavras de Cirilo são maduras, selecionadas

⁶ Todas as citações das Catequese Mistagógicas (CM) citadas neste trabalho são da tradução de Frederico Vier. Depois da tradução de A. Piédagnel, observamos que o trabalho de F. Vier é o mais próximo do texto grego. As catequese serão indicadas em algarismos romanos e os parágrafos em algarismos arábicos (ex.: CM I, 1 = Primeira catequese, parágrafo 1).

para seus ouvintes, demonstrando conhecimento da comunidade que tem diante de si e dos desafios culturais e teológicos que vêm experimentando. A sensibilidade pastoral presente em suas homilias reflete um pastor atento, presente, acompanhando não apenas a comunidade de fiéis, mas também a sociedade em suas mudanças e interpelações à vida cristã.

Essa é uma das características de alguém que tem um eixo pastoral-pedagógico e, ao mesmo tempo, profunda espiritualidade e compreensão da liturgia como experiência de diálogo entre Deus e seus filhos e filhas.

A concepção de Liturgia

A segunda característica que se apresenta a partir das palavras de Cirilo é a concepção de liturgia que alicerça suas *Catequeses Mistagógicas*. Estamos em um período no qual o primado da experiência litúrgico-sacramental é claro. É essa experiência que potencializa a formação dos neófitos. Nela se reúnem as condições da própria dinâmica da Revelação: a iniciativa de Deus, a ação sacramental, a configuração em Jesus, a revisão e mudança de vida, o testemunho e o compromisso comunitário-eclesial.

As catequeses falam do valor representativo e catequético dos ritos litúrgicos, mas a centralidade destes reside no valor sacramental, na experiência pessoal e existencial. Cirilo utiliza um conceito próprio para falar da configuração de cada pessoa em Cristo, seu modelo: o conceito de *mimesis*. Entretanto, seu discurso revela a compreensão de *mimesis* como identidade, identificação em Cristo (MAZZA, 1988, p. 174-176). É um conceito sacramental, que não indica o ritual na sua perspectiva visível, mas a dimensão interna e invisível da celebração: “Ora, vós vos tornastes cristos, recebendo o sinal do Espírito Santo, e tudo se cumpriu em vós em imagem, pois sois imagens de Cristo” (CM III, 1).

Observamos ainda que, na mistagogia de Cirilo, a corporalidade está integrada aos ritos e gestos, ganhando significado simbólico. A integração do corpo, dos gestos, é feita também com cuidado pedagógico, respeitando a passagem que é experimentada no ritual, conduzindo mais à sensibilidade pessoal e coletiva do que à racionalidade, a fim de ultrapassar

uma compreensão intelectual. Estamos também aqui diante de uma forte dimensão da mistagogia, vivida como experiência inenarrável, mas que é percebida interiormente e ganha uma memória única, a memória simbólica experimentada pela própria pessoa, em sua corporalidade.

Apresento apenas alguns trechos para ilustrar essa dimensão, pois toda a liturgia sacramental é marcada por gestos, o que tornaria muito extensa essa descrição:

Entrastes primeiro no adro do batistério. Depois vos voltastes para o Ocidente e atentos escutastes. Recebestes então a ordem de estender a mão, e renunciastes a satanás como se estivesse ali presente. É preciso que saibais que na história antiga há uma figura deste gesto (CM I, 2).

Logo que entrastes, despistes a túnica. E isto era imagem do despojamento do velho homem com suas obras. Despídos, estáveis nus, imitando também nisso a Cristo nu sobre a cruz (CM II, 2).

Depois de despídos, fostes ungidos com óleo exorcizado desde o alto da cabeça até os pés. Assim, vos tornastes participantes da oliveira cultivada, Jesus Cristo (CM II, 3).

Cirilo respeita uma antropologia na qual o corpo, o entendimento e as emoções não são elementos separados, mas integrados numa única experiência humana. Podemos dizer, em unidade com os liturgistas, que aqui há uma experiência viva da sacramentalidade do corpo, na medida em que os gestos não são meras repetições ou mímicas, mas são vividos simbolicamente, inseridos no mistério litúrgico, integrando a pessoa ao mistério de Deus que a todos envolve (LAFONT, 1992, p. 16).

As *Catequeses Mistagógicas* procuravam ajudar o iniciante a compreender o significado dos gestos corporais que experimentou sacramentalmente, uma experiência que fala por si, a cada pessoa. Observemos ainda que essa dimensão não é tratada como individual. Cirilo é pedagogicamente cuidadoso na inserção pessoal na história da humanidade, história da Salvação, associando cada gesto à representação e significado bíblico, ao mistério de participação no corpo místico de Cristo, e na Igreja, corpo comunitário, sociedade visível e testemunha do mistério na humanidade.

A ênfase na participação

Para definir a relação entre o rito sacramental e o evento salvífico da páscoa de Cristo, Cirilo faz uso recorrente do termo *koinonia*, no sentido de participação. É mais do que um simples termo pronunciado nas Catequeses, pois marca uma chave de leitura para compreensão da experiência vivida na liturgia sacramental (MAZZA, 1988, p. 179). Citamos alguns trechos que expressam essa compreensão: “O óleo exorcizado era símbolo, pois, da participação da riqueza de Cristo” (CM II, 3); “Vós fostes unguídos com o óleo, feitos partícipes e companheiros de Cristo” (CM III, 2); “Desse modo, tornamo-nos partícipes da natureza divina” (CM IV, 3).

O conceito de participação no mistério pascal é mais um eixo mistagógico. A celebração torna sacramentalmente presente o mistério salvífico a que faz referência: a páscoa de Jesus Cristo. Na liturgia, o neófito experimenta verdadeiramente a plenitude da vida cristã *por meio da e na* celebração eucarística.

A participação de cada pessoa, de cada cristão, no mistério pascal constitui não apenas um gesto singular, mas, pela própria sacramentalidade dos atos litúrgicos, participa da dinâmica da revelação. Cirilo, sintonizado com essa teologia da liturgia, orienta esse processo mistagógico: ao ser introduzido no mistério pascal, pela dinâmica litúrgico-sacramental, cada pessoa é verdadeiramente participante do mesmo mistério.

O tema da participação nos conduz também à relação com a comunidade local inserida na grande comunidade humana. As instruções, bem como os sacramentos, são realizados em âmbito comunitário, e toda sua pregação integra o processo pessoal ao comunitário que, por sua vez, integra-se à dinâmica da história da salvação, em unidade com toda a humanidade.

Cirilo está sintonizado com o vínculo entre liturgia e comunidade, entre comunidade local e comunidade universal. Não compreende a liturgia como um momento isolado no campo pessoal ou no campo da igreja local. As ações litúrgicas são experimentadas e interpretadas como celebrações eclesiais, como sacramento de todo o Povo de Deus eleito e peregrino na história rumo ao horizonte escatológico.

O sentido de pertença eclesial indica vários elementos que se integram na mistagogia de Cirilo: o sacerdócio comum, a identidade cristã, o aspecto testemunhal e missionário, o aspecto hermenêutico, o caráter dialógico da dinâmica da revelação.

A dinâmica da revelação

Nas bases desse conceito de participação no mistério pascal reside a teologia da revelação, a dinâmica de autocomunicação de Deus e de abertura da pessoa humana para seu projeto. Cirilo parte da iniciativa de Deus: é ele o autor do convite e do processo de conversão. Suas Catequeses não impõem, mas propõem; não submetem, mas anunciam o caminho; não pressupõem conversão imediata, mas respeitam as condições para a resposta pessoal; não se atêm ao discurso doutrinário, mas acompanham e orientam as escolhas pessoais em direção à vida nova que lhe é anunciada.

Vejamos alguns exemplos: “Ademais, poderoso é Deus que de mortos nos fez vivos, para conceder-vos que andeis em novidade de vida. A Ele a glória e o poder, agora e pelos séculos. Amém” (CM II, 8), “Em verdade, Deus, predestinando-nos à adoção de filhos, nos fez partícipes e Cristo [...]” (CM III, 1).

Cada iniciante é convidado a responder liturgicamente, na liberdade pessoal, ao convite de Deus. A revelação pressupõe abertura da pessoa humana, mas também tomada de consciência e processo de decisão na liberdade e responsabilidade. A atitude de escuta da Palavra e da formação é atitude de “escuta” do mistério de Deus experimentado na liturgia sacramental.

Cirilo reflete sobre a fé como uma dinâmica de entrega, de confiança e de compromisso vital com Aquele em quem se crê e com seu projeto. É nesse sentido que compreendemos a “escuta” das *Catequeses Mistagógicas*, do *audire*, da fé que chega pelo ouvido — não como uma simples audição, mas o ouvir que aceita e segue, que obedece ao chamado, que implica mudança de vida. É uma ação evangelizadora que se reconhece como mediadora da relação entre Deus e a pessoa humana e respeita o lugar imprescindível da experiência humana como condição de compreensão da Revelação (GELABERT, 1990, p. 18).

Batizados em Cristo e dele revestidos, vos tornastes conformes ao Filho de Deus. Em verdade, Deus, predestinando-os à adoção de filhos, nos fez conformes ao corpo glorioso de Cristo. Feitos, pois, partícipes de Cristo, não sem razão, sois chamados cristos e é de vós que Deus disse: 'Não toqueis os meus cristos'. Ora, vós vos tornastes cristos, recebendo o sinal do Espírito Santo, e tudo se cumpriu em vós em imagem, pois sois imagens de Cristo (CM III, 1).

Por meio das narrativas bíblicas, das relações que vai tecendo entre Cristo e cada pessoa, Cirilo conduz a uma familiaridade progressiva com o jeito de Deus olhar. A Palavra de Deus é apresentada como vida, como revelação de um grande mistério, o próprio mistério de Deus (COFFY, 1980, p. 13).

A experiência vivida por cada neófito por meio dos sacramentos de iniciação não se reduz a um conjunto de rituais litúrgicos, mas são etapas centrais de iniciação ao mistério de Deus, de consciência do mistério salvífico e de sua progressiva inserção nesse mistério (MAESTRI; SAXER, 1994, p. 79).

Observemos um dos trechos que nos conduzem a essa mistagogia:

Ele, quando banhado no Rio Jordão e comunicando às águas a força da divindade, delas saiu e se produziu sobre ele a vinda substancial do Espírito Santo, pousando igual sobre igual. Também a vós, ao sairdes das águas sagradas da piscina, se concede a unção, figura daquele com que Cristo foi ungido (CM III, 1).

Enfim, Cirilo se preocupa em fundamentar a adesão do neófito com base em uma relação com Deus, consigo mesmo, com a comunidade eclesial, com a sociedade, uma relação integral de orientação soteriológica. A cada passo ele revisa o processo e exorta o caminho a ser percorrido, integrando-se sempre mais ao mistério salvífico.

A teologia narrativa da Sagrada Escritura

Cirilo possui um eixo norteador: a Sagrada Escritura. É seu fundamento para as Catequeses, seu princípio de conhecimento verdadeiro. Em suas

homilias, apresenta a Palavra revelada com o recurso da narrativa do evento salvífico que, ao mesmo tempo, torna-se paradigmático para o ouvinte e a comunidade eclesial (MAESTRI; SAXER, 1994, p. 53; RIGGI, 1997, p. 10).

Seus ouvintes, provenientes de diferentes culturas e mesmo diversas religiões, do judaísmo ao paganismo, recebiam as instruções a partir do fio narrativo da história da salvação. Bielsa comenta em sua edição crítica sobre as Catequeses de Cirilo de Jerusalém:

Mais de 2 mil referências à Escritura fazem com que cada catequese seja como um rio que canta o rumor da palavra de Deus. Assim, habituado por formação na Lei ao monoteísmo rigoroso, o ouvinte judio tinha menos dificuldade para aceitar e compreender a unidade de essência — que já acreditava e para ele era dogma indiscutível — que o mistério trinitário, substância da revelação cristã e ensinamento obrigatório a quem se preparava para o batismo (BIELSA, 2006, p. 11).

A escolha pela teologia narrativa é mais uma categoria mistagógica, que corresponde à pedagogia divina e integra a história pessoal à história da salvação. A narrativa bíblica se torna, para o neófito, uma metanarrativa, que não apenas esclarece a experiência mistagógica vivenciada nos sacramentos, mas lhe indica um caminho mistagógico na própria vida.

Cirilo não é o primeiro a fazer uso dessa metodologia. No entanto, nele ressaltamos o aspecto de inter-relação entre a tipologia e a dimensão sacramental: um é usado para indicar o evento salvífico e outro para indicar o sacramento do evento (MAZZA, 1988, p.180-196). Nas *Catequeses*, Cirilo estabelece uma relação tipológica entre os dois Testamentos e aplica essa relação à explicação dos ritos litúrgicos, como podemos observar no trecho a seguir:

Passai agora comigo das coisas antigas às novas, da figura à realidade. Lá Moisés foi enviado por Deus ao Egito; aqui Cristo, do seio do Pai, foi enviado ao mundo. Aquele para tirar o povo oprimido do Egito; Cristo para livrar os que no mundo são acobrunhados pelo pecado (CM I, 2-3).

Para Cirilo, há uma distinção entre o Antigo e o Novo Testamento: os eventos da salvação narrados no Antigo Testamento possuem uma

correspondência com as narrativas do Novo Testamento. Eles podem ser comparados um a um, compreendendo a pedagogia divina que se revela pelos acontecimentos salvíficos. A partir dessa relação, Cirilo procura revelar a novidade de Cristo, já anunciada nos fatos, palavras e símbolos da antiga aliança (MAESTRI; SAXER, 1994, p. 67).

O seguimento e a conversão existencial

Um aspecto fundamental a ser abordado é a exigência da mudança de vida. A iniciação cristã primitiva tem esse aspecto como condição para a acolhida na comunidade e no processo de formação cristã. Cirilo tematiza a necessidade dessa mudança existencial em vários momentos das *Catequeses Mistagógicas*. Fala de mudança radical, de passagem do homem velho ao homem novo, nascido em Cristo, e fala da presença do mal como caminho antagônico àquele do qual o neófito participa pelos sacramentos.

Nesse dinamismo, os ritos de exorcismo praticados no processo de iniciação tornam-se momentos de fortalecimento da pessoa e de abertura para a “escuta” da Palavra de Deus na própria vida. Assim, a responsabilidade e o compromisso do iniciante são fundamentais, mas sempre como resposta e cooperação à iniciativa de Deus. O pecado é compreendido em sua dimensão pessoal, mas com um forte acento no aspecto exterior, naquilo que influencia, desvia e corrompe o caminho cristão. Cirilo chama a atenção para essa dupla dimensão: o mal vem de fora, de uma força maligna, capaz de se misturar na existência e na cultura e desviar do caminho de Cristo. É força presente, para a qual se deve buscar fortalecimento, alimento espiritual e perseverança no caminho.

Nesse rito, a acolhida da nova vida em Deus implica a renúncia a tudo que não é coerente com ela, que não é de Cristo. É um compromisso na liberdade pessoal, na orientação existencial e na unidade fraterna. Podemos compreender esses ritos como atos positivos, afirmativos da vida nova, nos quais Deus é celebrado como presença atuante, operando na fé e por meio da fé pessoal e comunitária (LAURENTIN; DUJARIER, 1995, p. 296).

A resposta humana é processual e deve se converter em testemunho por palavras e obras, por atitudes éticas e corresponsabilidade. Nas palavras de Cirilo de Jerusalém: “Cuida, pois, de ti mesmo e não te voltes novamente para trás, depois de teres posto a mão no arado, para a prática amarga desta vida” (CM I, 8).

A ação litúrgica realiza a integração entre o rito e a vida do cristão. Não consiste em um dualismo que apenas propõe, mas é ação performativa, que orienta para a vida nova, a oferenda da própria existência à vontade de Deus. Possui, portanto, uma implicação direta na vida prática, cotidiana, transformando-a no “verdadeiro culto que agrada a Deus” (Cf. Sl 49,14-23; 50,18-19; Os 6,6; 8,11-12; Am 6,21-25; Dn 3,37-41).

O Símbolo da Fé: o Credo

O Símbolo da fé, o Credo, é entendido como testemunho pessoal diante da comunidade eclesial e de fortalecimento perante o mal. Nessa etapa estamos diante de um momento muito importante para o processo de iniciação cristã, a fase chamada de *redditio Symboli*, ou seja, a profissão pública do símbolo da fé pelos neófitos⁷. Desde as primeiras comunidades cristãs, a própria nomeação do Credo como “símbolo apostólico” já traz em si o significado sacramental que identifica seu lugar e importância.

Cirilo nos aponta para a identidade — confirmada na adesão à fé cristã, explicitada no rito sacramental, assumida em comunidade e testemunhada na vida. Cirilo sublinha essa dimensão nas suas Catequeses ao se referir à unção batismal e à imersão:

Depois disto fostes conduzidos pela mão à santa piscina do divino Batismo, como Cristo da cruz ao sepulcro que está à vossa frente. E cada qual foi

⁷ Na iniciação cristã, o processo de entregar o Símbolo da fé era conhecido como *traditio Symboli*, e sua profissão diante da comunidade, como *redditio Symboli*. A primeira etapa significa a recepção da tradição apostólica; é a comunidade cristã confiando ao iniciante sua identidade e convidando a assumi-la. A segunda etapa significa o compromisso assumido; o neófito, já batizado, retorna a profissão de fé à comunidade professando-a oral e publicamente.

perguntado se cria no nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. E fizeste a profissão salutar, e fostes imersos três vezes na água e em seguida emergistes, significando também com isto, simbolicamente, o sepultamento de três dias de Cristo (CM II, 4).

No batismo, momento decisivo na vida cristã, a profissão de fé evidencia a identidade crente e a confirma publicamente, na unidade com a Igreja. É a fé cristã assumida pessoalmente, concretizada nas atitudes de uma nova vida e compartilhada na comunhão eclesial. O ato de fé possui, assim, uma dupla dimensão: a dimensão de identidade e compromisso pessoal e a dimensão de renovação e fortalecimento da comunidade de fé.

O embasamento na Tradição

Outra importante categoria presente na mistagogia de Cirilo consiste no estabelecimento do vínculo estreito com a tradição — no caso, com a tradição apostólica e a doutrina do magistério, ainda em elaboração teológica, mas já afirmada nos Concílio de Niceia e Constantinopla (MCCAULEY; STEPHENSON, 1969, p. 34.).

As *Catequeses Mistagógicas* se desenvolvem também nessa trilha e fidelidade, convocando os neófitos a caminharem na unidade com a tradição da qual participam: “[...] Rogo-vos, para que eu, ainda que indigno, possa dizer-vos: ‘Amo-vos porque sempre vos lembrais de mim e conservais as tradições que vos transmiti’” (CM II, 8).

Cirilo não nomeia Concílios em suas homilias e nem mesmo usa categorias teológicas. Mantendo sua prioridade catequética, a linguagem flui de acordo com o grupo de neófitos, orientando-os segundo a experiência pascal que acabaram de vivenciar sacramentalmente e que os convida ao seguimento e mudança de vida.

Cirilo trabalha a tradição viva da fé cristã e a dinâmica da revelação presente na história. A tradição é transmitida como verdade vivida, como prática, como agir cristão inserido no mundo. Cirilo não descuida desse aspecto, não fala a partir de si mesmo, mas sempre a partir do caminho já

percorrido e legitimado pela Igreja (HAMMAN, 1968, p. 209). Dessa forma, transmite a fé cristã em suas bases, o que decorre em uma apreensão firme, sólida, unida à espiritualidade e dialogante.

Podemos dizer que a “herança” que Cirilo transmite comporta também uma interpelação, tanto pessoal quanto comunitária, de apropriar-se do que é transmitido. O processo acaba por conduzir a uma relação fecunda entre pessoa e tradição, comportando consciência, interpretação e valorização da tradição (VELASCO, 2002, p. 29).

A perspectiva missionária

Outra dimensão da mistagogia de Cirilo de Jerusalém é a exortação à missão como consequência do seguimento de Jesus. Apesar de ser um tema diretamente vinculado a aspectos já considerados anteriormente — como a participação, o símbolo da fé, a configuração em Jesus Cristo, a conversão existencial —, a missão é o compromisso proveniente da experiência sacramental. Ela é a resposta concreta do discípulo, que testemunha sua fé e a transmite. Vejamos um trecho das Catequeses que ilustram essa perspectiva: “E para que mais te assegures, ouve o que diz sobre esse unguento em sentido místico: ‘Transmite tudo isso às nações, pois o designio do Senhor se estende sobre todos os povos’” (CM III, 7).

O aspecto do testemunho é decorrente da configuração em Jesus Cristo e da conversão da própria vida; porém, mais do que ser testemunha, Cirilo convida os neófitos a serem transmissores do mistério que experimentam e do qual participam.

Cirilo compreende a Igreja em diálogo com o mundo em que vive. Portanto, a dimensão missionária é coerente com essa visão eclesiológica. Nesse enfoque percebe a comunidade local não como uma comunidade isolada, mas como comunidade sacramental e corresponsável na missão de evangelizar. O caminho do seguimento de Jesus é pessoal e comunitário, profético, missionário, num processo de pertença madura e consciente.

A dimensão missionária é decorrente do caminho mistagógico. Poderíamos dizer ainda: é a ação mistagógica daqueles que, até aqui, eram apenas neófitos. A experiência sacramental é de encontro profundo,

existencial, que vai buscar uma realização concreta, resposta de fé à graça atuante.

A dimensão contemplativa

A mistagogia integra as dimensões contemplativa, litúrgica, pessoal e comunitária (ROCCHETTA, 1994, p. 82). Vejamos como Cirilo trabalha a dimensão contemplativa em suas Catequeses.

Cirilo cultiva a atitude contemplativa ao longo de suas homilias. Não faz defesas de tipo apologético. Para conduzir o neófito pelo caminho do mistério, Cirilo provoca uma atitude contemplativa diante da história da salvação que vai delineando, da experiência litúrgico-sacramental e da própria doutrina que embasa seus ensinamentos. Tudo apresentando com um enfoque orante, reverente, contemplativo das belezas que ali se revelam passo a passo, da grandeza do amor de Deus que se entrega no mistério.

Os conteúdos e seus significados nascem do próprio mistério experimentado na liturgia. A mistagogia de Cirilo convida o neófito a uma compreensão de caráter meditativo, que se abre a um diálogo entre a pessoa e Deus, como princípio que se revela.

Categorias mistagógicas para nosso tempo

Ao reunirmos estas categorias mistagógicas encontramos mais do que uma metodologia, mas uma teologia do mistério, que se transforma no grande eixo referencial de Cirilo e o conduz a selecionar conteúdos, palavras, relações, textos bíblicos, aconselhamentos.

Cirilo faz catequese sobre o mistério. Tem como base a revelação de Deus, mistério que se entrega, mas que não é apreendido totalmente; mistério que convida a um caminho de espiritualidade e vida. A partir do primado da experiência litúrgica, os ensinamentos tornam-se um ouvir, acolher, interpretar, reviver para compreender. É um movimento secundário, a fim de melhor mergulhar no mistério que se vivencia.

A experiência do mistério, ou seja, a experiência mistagógica, é mais eficaz do que todos os argumentos e ensinamentos doutrinários⁸. Enfim, sem perder de vista as ações litúrgicas, fonte da experiência de participação no mistério, Cirilo conduz os neófitos por caminhos já trilhados, a fim de aprofundarem e tomarem consciência da beleza e grandeza do caminho do seguimento de Jesus.

Olhar para a experiência de Cirilo de Jerusalém é se deixar orientar para a construção de um processo mistagógico que atenda à realidade de nossos tempos. Contudo, resgatar a mistagogia é também considerar os fatores que demarcam a cultura atual e os sinais de emergência de uma nova subjetividade, que traz consigo a gênese de uma dinâmica relacional. Nesse sentido, estamos diante de um momento privilegiado para a evangelização, em que a subjetividade está aberta a novas experiências estruturantes e que se dá conta de que é o encontro com o outro, consigo mesmo e com o mundo que a conduzirá à realização.

A experiência mistagógica vivida na prática pastoral de Cirilo de Jerusalém não é uma proposta defasada com a realidade. Suas *Catequeses Mistagógicas* reúnem pressupostos teológicos e princípios pedagógicos que em muito auxiliam a compreensão da dinâmica dos processos de iniciação cristã e que não podem deixar de estar presentes. Ao resgatar a experiência mistagógica nas orientações de Cirilo de Jerusalém, colocamo-nos no dinamismo da fé peregrina rumo à luz maior. Na verdade, é esse mesmo o impulso fontal da teologia:

O conhecimento da fé expressa a necessidade de dizer a luz obtida, não para fazer cessar a busca, mas para dar-lhe um apoio que a ajude a comunicar-se e ir avante. A fé, início da teologia, é também o seu limite inexorável, que sempre denuncia sua provisoriade e recorda o seu caráter de balbúcio do Mistério, sempre ainda aberto às surpresas de Deus (FORTE, 1991, p. 58).

⁸ Encontramos essa mesma concepção mistagógica em Ambrosio e João Crisóstomo. Ambrosio fala da força dos ritos por seu próprio simbolismo e sua linguagem luminosa, e João Crisóstomo, argumenta que apenas os iniciados podem penetrar o mistério de Deus (Cf. BOROBI, 1980, p. 43).

Nossa reflexão deseja confirmar a importância de uma ação pastoral-pedagógica fundada nos princípios que nortearam a Igreja dos primeiros séculos, não como uma repetição mecânica de um processo distanciada em muito na história, mas como eixo orientador, como chave de compreensão e de revisão das práticas de evangelização atuais. A experiência mistagógica nos lembra que a participação dos fiéis na dinâmica pastoral e sua inserção eclesial deve ser acompanhada desde a iniciação, além de buscar uma participação frutuosa, interna e externa, na qual o fiel se deixe configurar com Cristo ressuscitado, pela ação do Espírito Santo⁹.

Considerações finais

A experiência de Deus não se dá de maneira dispersa, distraída, dissipada no esquecimento sistemático de si mesmo. A mistagogia nos fala de que o encontro com Deus supõe um caminhar, uma existência que caminhe até a centralidade da pessoa, na mais profunda intimidade e, na densidade desta experiência, o encontro com a mais radical alteridade, a presença de Deus. É uma experiência que leva a pessoa a superar a dupla tentação de desistir, perder a esperança de encontrar o sentido da vida ou pretender realizar-se por si mesma, e que a conduz à abertura ao mistério que se oferece e que a faz ser.

É uma experiência que retoma a dinâmica primordial da fé, de encontro com a verdadeira Transcendência. Na sua imensa rede de relações, a mistagogia nos coloca diante da origem da experiência de fé, ou seja, nos coloca diante de Deus e, a partir desta centralidade, todos os elementos do processo passam a assumir o lugar de mediadores, sejam os agentes da evangelização, os destinatários, a estrutura, os instrumentos selecionados, os conteúdos, a comunidade, a sociedade. Os elementos que se articulam em torno do eixo mistagógico tornam-se não os primeiros

⁹ Sobre a pneumatologia em Cirilo de Jerusalém ver os trabalhos de Santana (1998) e Miguel Fernandes (1974).

agentes, mas os colaboradores do Espírito, e responsáveis em auxiliar as pessoas e comunidades no crescimento de sua vida em Cristo.

As ações pastorais-pedagógicas são também espaços de orientação e formação, mas não são fins em si mesmos. São momentos privilegiados e fundamentais nesse processo; porém, enquanto mediações, necessitam estar atentos e abertos à escuta permanente da dinâmica da revelação na experiência pessoal e comunitária, nos textos sagrados, nos sinais presentes na história e nas interpelações que a sociedade apresenta.

Desejamos que este recaminhar nas fontes e nas raízes da Tradição possa se tornar memória viva para o nosso presente, especialmente para as ações de evangelização em suas mais diversas vertentes e dimensões de iniciação, formação e orientação.

Referências

BIELSA, J. S. Introducción. In: CIRILO DE JERUSALÉN. **Catequesis**. Introducción, traducción y notas de Jesús Sancho Bielsa. Madrid: Ciudad Nueva, 2006.

BOROBIO, D. Función litúrgico-sacramental del ministerio del catequista. **Phase**, v. 20, n. 118, p. 305-322, 1980.

CIRILO DE JERUSALÉM. **Catequesis mistagógicas**. Trad. F. Vier. Introdução e notas F. Figueiredo. Petrópolis: Vozes, 2004.

CIRILO DE JERUSALÉN. **Catequesis**. Edición y notas de Carlos Elorriaga. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1991a.

CIRILO DE JERUSALÉN. **Catequesis**. Introducción, traducción y notas de Jesús Sancho Bielsa. Madrid: Ciudad Nueva, 2006.

CIRILO DE JERUSALÉN. **Catequesis**. Traducción y introducción de P. H. Rivas. Buenos Aires: Paulinas: 1991b.

CIRILLO DI GERUSALEMME. **Le Catechesi**. Traduzione e note G. Carraro. Vicenza: Tipografia Commerciale Editrice Vicenza, 1942.

CIRILLO DI GERUSALEMME. **Le Catechesi**. Traduzione, introduzione e note a cura di Calogero Riggi. 2. ed. Roma: Città Nuova, 1997.

CIRILLO DI GERUSALEMME. **Le Catechesi**. Versione, introduzione e note a cura di Eliseo Barbisan. Alba: Paoline, 1966

CIRILLO DI GERUSALEMME; GIOVANNI DI GERUSALEMME. **Catechesi prebattesimali e mistagogiche**. Milano: Pauline, 1994.

CROSS, F. L. Introduction. In: CYRIL OF JERUSALEM. **St. Cyril of Jerusalem's lectures on the Christian sacraments: the Procatechesis and the five Mystagogical catecheses**. London: S.P.C.K., 1951.

CYRILLE DE JÉRUSALEM. **Catéchèses mystagogiques**. Introd., texte critique et notes de Auguste Piédagnel. Paris: Du Cerf, 1966. (Sources chrétiennes).

COFFY, R. La celebración, lugar de la educación de la fe. **Phase**, n. 118, p. 273-274, 1980.

DRIJVERS, J. W. **Cyril of Jerusalem: bishop and city**. Boston: Brill, 2004.

ELORRIAGA, C. Notas. In: CIRILO DE JERUSALÉN. **Catequesis**. Edición y notas de Carlos Elorriaga. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1991.

FEDERICI, T. La mistagogia della Chiesa. In: ANCILLI, E. (Ed.) **Mistagogia e direzione spirituale**. Roma: Pontificio istituto di spiritualita del Teresianum; Milano: O. R., 1985.

FORTE, B. **A teologia como companhia, memória e profecia**. São Paulo: Paulinas, 1991.

GELABERT, M. **Valoración cristiana de la experiencia**. Salamanca: Sígueme, 1990

GRILLMEIER, A. **Cristo en la tradición cristiana**. Salamanca: Sígueme, 1997.

HAMMAN, A. **Guida pratica dei Padri della Chiesa**. Milão: Ancora, 1968.

LAFONT, G. A experiência espiritual e o corpo. In: GOFFI, T.; SECONDIN, B. **Problemas e perspectivas de espiritualidade**. São Paulo: Loyola, 1992.

LAURENTIN, A.; DUJARIER, M. **Il catecumenato**: fonti neotestamentarie e patristiche, la riforma del Vaticano II. Roma: Edizioni Dehoniane, 1995.

MAESTRI, G.; SAXER, V. Introduzione. In: CIRILLO DI GERUSALEMME; GIOVANNI DI GERUSALEMME. **Catechesi prebattesimali e mistagogiche**. Milano: Pauline, 1994.

MAZZA, E. **La mistagogia**: una teologia della liturgia in epoca patristica. Roma: C.L.V. Edizioni Liturgiche, 1988.

MCCAULEY, L.; STEPHENSON, A. Introduction. CYRIL OF JERUSALEM. **The works of Saint Cyril of Jerusalem**. Translated by Leo P. McCauley and Anthony A. Stephenson. Washington: Catholic University of America Press, 1969.

MIGUEL FERNANDES, J. L. **Pneumatologia de San Cirilo de Jerusalem**. 1974. Dissertação (Mestrado em Teologia) — Pontificium Institutum Orientalium Studiorum, Madrid, 1974.

PADOVESE, L. **Introdução à Teologia Patrística**. São Paulo: Loyola, 1999.

RAHNER, K. **O desafio de ser cristão**. Petrópolis: Vozes, 1978.

RIGGI, C. Introduzione. In: CIRILLO DI GERUSALEMME. **Le Catechesi**. Traduzione, introduzione e note a cura di Calogero Raggi. 2. ed. Roma: Città Nuova, 1997.

ROCCHETTA, C. **Cómo evangelizar hoy a los cristianos**: el rito de iniciación cristiana de adultos como propuesta tipo para una nueva evangelización. Bilbao: EGA, 1994.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório Geral para a Catequese**. São Paulo: Paulinas, 1997.

SANTANA, L.F.R. **A dimensão pneumática da espiritualidade cristã**: por uma releitura contemporânea da espiritualidade cristã à luz da herança bíblico-patristica. 1998. Tese (Doutorado em Teologia) — Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

TELFER, W. **Cyril of Jerusalem and Nemesius of Emesa**. Philadelphia: Westminster Press, 1955.

TRIACCA, A. M. *Mystagogie doctrinale de la Prière*. In: TRIACCA, A. M.; PISTOIA, A. (Ed.). **Mystagogie**: pensée liturgique d'aujourd'hui et liturgie ancienne – Conférences Saint-Serge, XXXIXe Semaine d'études liturgiques. Roma: Edizioni liturgiche, 1993.

VELASCO, J. M. **La transmisión de la fe en la sociedad contemporánea**. Santander: Sal Terrae, 2002.

YARNOLD, E. **The awe-inspiring rites of initiation**: baptismal homilies of the fourth century. Slough: St. Paul Publications, 1971.

Recebido: 12/09/2013

Received: 09/12/2013

Aprovado: 26/11/2013

Approved: 11/26/2013